

da verdade e do amor que, em procurando a comunhão com o Cristo, se confiam, intrépidos e humildes, ao apostolado da Grande Renúncia.

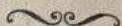
Imperioso, assim, é que vivamos alertas, sem exigir dos médiums favores que não nos podem dar e sem conferir-lhes privilégios que não podem receber, garantindo-se, desse modo, a estabilidade e a pureza de nossa Doutrina, porquanto o Espiritismo é como o Sol, que resplende para todos, e a Mediunidade é a ferramenta que cada criatura pode manobrar no campo da vida, na edificação da própria felicidade.

Quantas, porém, se utilizam de semelhante ferramenta para a aquisição de compromissos escusos com a delinquência?!

Em razão disso, é indispensável compreender que Mediunidade é Mediunidade e Espiritismo é Espiritismo.

Ajustemo-nos, desse modo, aos princípios salvadores de nossa fé! E, na posição de instrumentos do progresso e do bem, com mais ou menos expressão de serviço nas atividades mediúnicas, diretas ou indiretas, conscientes ou inconscientes, procuremos, antes de tudo, a nossa efetiva integração com o Mestre Divino, para que não nos falte ao roteiro a necessária luz.

EFIGÊNIO S. VÍTOR



Lenda da Estrela Divina

Reunião da noite de 5 de Julho de 1956.

Para surpresa nossa, quem nos brindou com a sua visita, ao final de nossas tarefas, foi o Irmão X, que pela primeira vez falou em nosso recinto, insuflando-nos vigorosa emoção.

De passagem por nosso templo, trago-vos à meditação um apólogo simples.

Convencido de que sómente através do próprio trabalho conseguiria entesourar as bênçãos de seu Divino Criador, o Homem compareceu diante do Altíssimo e rogou humildemente:

— Pai, aspiro a conquistar a vossa grandeza infinita... Que fazer para penetrar os domínios da vossa glória?

O Todo-Compassivo louvou-lhe os propósitos e determinou:

— Desce à Terra e convive com os teus irmãos.

O Homem nasceu e renasceu, muitas vezes, adquirindo experiência em diversas nações, e voltou ao Paraíso, ostentando na fronte a auréola da Cultura.

Não contente, entretanto, pediu ao Soberano da Vida:

— Pai, anseio conhecer-vos a força... Como proceder para atingir semelhante graça?

O Todo-Bondoso afagou-lhe a alma inquieta e ordenou:

— Desce à Terra e dirige os teus irmãos.

O Homem nasceu e renasceu, muitas e muitas vezes, fazendo leis e gastando fortunas, construindo fronteiras e levantando monumentos religiosos, plasmado a beneficência e disciplinando as sociedades, brandindo armas e desfraldando bandeiras, mandando e comandando, fascinado pelos poderes e pelos bens da Terra, como se os bens e os poderes da Terra lhe pertencessem, e retornou ao Lar Eterno, guardando nas mãos o cetro da Autoridade.

Não contente, todavia, suplicou ao Senhor Supremo:

— Pai, suspiro por aprender convosco a criar emoções sublimes... Como agir para entender a vossa beleza augusta?

O Todo-Sábio contemplou-o, benevolente, e aconselhou:

— Desce à Terra e procura formar pensamentos iluminados e nobres para consolo e progresso de teus irmãos.

O Homem nasceu e renasceu, muitas e muitas vezes, trabalhando a pedra e o metal, a madeira e a argila, a palavra e o som, o pincel e a rima, e retornou à Luz das Luzes, transportando nos olhos e nos ouvidos, na língua e nos dedos a magia da Arte.

Contudo, não satisfeito ainda, rojou-se aos pés do Senhor e pediu em lágrimas:

— Meu Pai, tenho saudades de vosso convívio... Não quero apartar-me de vosso olhar! Que fazer para demorar-me nos Céus?

O Todo-Misericordioso abraçou-o com ternura e ajuntou:

— Ah! meu filho, que pedes tu agora? Para que te detenhas no Céu é necessário desças à Terra e ajudes a teus irmãos.

E o Homem nasceu e renasceu, por longos e longos séculos, sofrendo, sem reclamar, injúrias e

ultrajes, lapidações e calúnias, miséria e abandono, chagas e açoites, procurando auxiliar os outros sem cogitar do auxílio a si mesmo, até que, um dia, terrivelmente fatigado e sózinho, mas de coração alegre e consciência tranquila, retornou aos Eternos Tabernáculos.

Não precisou, no entanto, anunciar a sua presença, porque as Portas Celestiais se lhe desceram ditosas.

Flores inclinaram-se-lhe à passagem.

Constelações saudavam-no em regozijo.

Anjos cantavam, em surdina, celebrando-lhe o triunfo.

E o próprio Senhor, na carruagem resplendente de sua Glória, veio recebê-lo nos Pórticos Sagrados, exclamando, de braços abertos:

— Bem-aventurado sejas, filho meu!... Agora a Criação inteira é tua... Todos os meus segredos te pertencem. E, estejas onde estiveres, vivemos juntos para sempre.

Esmagado de júbilo, em riso e pranto, o Homem compreendeu, sem palavras, que a felicidade do amor puro lhe fluía sublime dos refolhos do ser, em torrentes de alegria misteriosa...

E' que ele trazia, fulgente no coração, a Estrela Divina da Humildade.

Desde então, pôde habitar na Casa do Senhor por longos dias...

IRMÃO X

